



23º CONGRESSO
BRASILEIRO DE
INFECTOLOGIA
PEDIÁTRICA
13º SIMPÓSIO
BRASILEIRO DE
VACINAS
30 DE ABRIL A 3 DE MAIO DE 2023 - São Paulo - SP

30 DE ABRIL
A 3 DE MAIO

Novotel São Paulo Center Norte
Av. Zaki Narchi, 500 - Vila Guilherme, São Paulo



Trabalhos Científicos

Título: Análise Do Perfil Epidemiológico De Sífilis Congênita No Grande Abc Entre 2007 E 2023

Autores: MARIANA PAIVA CARDOSO (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC), RENAN SAKAMOTO MARTINS (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC), SIMONE HOLZER (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC), JORGE ECHEIMBERG (FACULDADE DE MEDICINA DO ABC)

Resumo: A sífilis congênita é uma afecção que acomete milhares de recém nascidos anualmente, podendo causar sequelas importantes para essas crianças a curto e longo prazo. Ela é transmitida para o feto a partir da gestante com sífilis não tratada ou inadequadamente tratada, em qualquer fase da doença, através da placenta ou pelo canal de parto. Na maioria dos casos, é assintomática, porém, quando sintomática, pode ter apresentação precoce ou tardia. O rastreio de sífilis nas gestantes é iniciado no pré-natal, com o teste não treponêmico VDRL no primeiro e terceiro trimestres da gestação. O tratamento do recém nascido é baseado nos possíveis cenários de diagnóstico. "Analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita na população infantil na região do Grande ABC no período de 2007 a 2023 e realizar uma projeção do cenário da sífilis congênita para o ano de 2025." Trata-se de um estudo observacional, ecológico, retrospectivo e de base populacional. A amostra de pacientes foi composta pela base de dados de do Sistema de Informações de Agravos e Notificação (SINAN), do período de 2007 a 2023, na região do Grande ABC. Para a análise epidemiológica foram avaliadas variáveis relacionadas ao RN e às mães. A partir dos dados foram feitas tabelas de todos os anos com cada variável separadamente, que posteriormente foram transformadas em gráficos preliminares através da linguagem Python. "O número de casos confirmados entre os anos de 2007 e 2023 na região de saúde do Grande ABC foi de 2530, percebendo-se um aumento gradual do número de casos ao longo dos anos. As variáveis raça, escolaridade e idade materna não mostraram relevância estatística. Fazendo uma análise do momento de diagnóstico de sífilis gestacional destas, vê-se que 62,7% destes foram feitos durante o pré natal, 33,9% foram feitos no momento do parto. Já em relação ao pré-natal obteve-se que 85,5% fizeram pré-natal, enquanto 14,4% não o realizaram. Sobre o tratamento do parceiro 16,3% destes fizeram o tratamento, e 79,1% não o realizaram." Quando analisa-se os resultados parciais deste estudo é possível verificar uma discrepância entre o número de casos diagnosticados no pré-natal com a quantidade de pré-natais realizados, sendo que a quantidade de diagnósticos no pré-natal é levemente superior ao número de diagnósticos fora do pré-natal (parto/curetagem), enquanto que a quantidade de pré-natais realizados é muito maior do que os não realizados. Ou seja, é possível inferir que durante as consultas do pré-natal os diagnósticos de sífilis gestacional não estão sendo feitos, podendo isso indicar uma falha, seja por falta de busca ativa destas gestantes pelos profissionais de saúde ou uma ineficiência na triagem das doenças. Com isso, espera-se que haja um melhor direcionamento de verbas públicas no combate à sífilis congênita, a fim de diminuir as consequências causadas pela infecção, e assim proporcionar uma melhor qualidade de vida para as crianças e suas famílias.